

Os desafios da crítica

Paulo Eduardo Carvalho e Sebastiana Fadda

Tal como se referia no último número da *Sinais de cena* – no contexto de um artigo sobre a atribuição do X Prémio Europa para o Teatro a Harold Pinter –, a Associação Internacional de Críticos de Teatro (AICT) dedicou o seu XXII Congresso, que teve lugar em Turim, no passado mês de Março, à discussão do papel da crítica no mundo actual, sob o título provocador de "O fim da crítica?". À imagem do que vem acontecendo desde a sua fundação em 1956, a AICT criava assim mais uma oportunidade para a prossecução de um dos seus principais objectivos, justamente, a promoção da crítica de teatro como disciplina e o desenvolvimento das suas bases metodológicas. Os críticos convidados a intervir foram os seguintes: Nikolai Pesochinsky, da Academia Teatral de Sampetersburgo, a quem coube, de algum modo, a sistematização de algumas das perplexidades e dificuldades associadas ao exercício da análise de espectáculos; Ian Shuttleworth, crítico do jornal *Financial Times*, e actual editor da revista *Theatre Record*, que se ocupou, entre outros assuntos, da importância da crítica do "dia seguinte"; Porter Anderson, da CNN, que esboçou algumas ousadas considerações sobre o espaço da crítica e da divulgação teatrais nos novos meios de comunicação; e Maria Helena Serôdio, em representação da *Sinais de cena*, que se debruçou sobre as oportunidades e responsabilidades da crítica em revistas especializadas.

Com o acordo generoso daqueles conferencistas, pensámos em reunir neste número da *Sinais de cena* um conjunto de reflexões capazes de oferecer uma visão mais alargada de um tópico que, como recordava Ian Herbert, o actual presidente da AICT, na abertura do referido congresso, "pode parecer de limitada importância para os que estão fora do nosso pequeno mundo da crítica, mas se prende com todo o tecido da cultura contemporânea"¹. Este dossiê integra, assim, as versões traduzidas e, nalguns casos, abreviadas daquelas primeiras três intervenções – de Nikolai Pesochinsky, Ian Shuttleworth e Porter Anderson –, acrescida das contribuições, não menos generosas, de alguns críticos portugueses. Em obediência ao disposto no artigo segundo dos nossos Estatutos da APCT, quisemos, contudo, aproveitar a oportunidade para alargar o espectro

das reflexões ao vasto "campo das artes performativas". Nesse sentido, para além dos convites dirigidos aos críticos de teatro Eugénia Vasques, João Carneiro e Miguel-Pedro Quadrio, convidámos também Daniel Tércio e Cláudia Galhós, mais dedicados à dança e à *performance*, e ainda Alexandre Delgado e Rui Vieira Nery, para que nos falassem da música e desse caso tão transversal da ópera. Compreensíveis compromissos pessoais não permitiram, naturalmente, uma resposta positiva de todos os contactados, mas o nosso agradecimento vai para todos eles.

Para além daquela iniciativa da AICT que, de algum modo, serviu de inspiração para a organização deste dossiê, também entre nós se têm acumulado sinais de alguma urgência em torno da reflexão sobre a crítica no domínio das artes performativas. Bastará recordar, entre algumas das mais recentes iniciativas, o conjunto de cinco textos publicados por Augusto M. Seabra nas páginas do jornal *Público*, sob o título "'A crítica' ainda existe?", bem como os debates sobre a situação e a função da crítica promovidos, respectivamente, pela associação Plateia, na FNAC do Porto, a 24 de Julho, e por Tiago Bartolomeu Costa, na Culturgest, a 8 de Setembro, no âmbito das celebrações do terceiro aniversário do seu blogue O Melhor Anjo. A vastidão do tema e as suas complexas ramificações justificarão a diversidade de perspectivas exploradas em qualquer uma daquelas iniciativas, entre a discussão das transformações da imprensa e do espaço cada vez mais reduzido reservado para a recensão crítica das artes do espectáculo, a identificação de uma lógica cada vez mais consumista associada à fruição de bens culturais ou, talvez com maior consequência epistemológica, a reflexão sobre a própria multiplicação de projectos e de linguagens e os muitos desafios que as novas realidades performativas continuam a colocar ao exercício crítico.

Poderemos considerar já muito distantes os tempos em que Carlos Porto, no prefácio que escreveu em 1973 para uma recolha de textos críticos publicados entre 1958 e 1971, sob o título *Em busca do teatro perdido*, admitia, com uma extraordinária honestidade: "Devo confessar que ainda não consegui superar o problema maior da crítica de teatro: fazer incidir a análise sobre o espectáculo

¹ Em <http://www.aict-iatc.org>, é possível encontrar a versão original e integral dos textos que foram apresentados em Turim.

e não sobre o texto posto em cena" (Porto 1973: 18). Desde então, sem dúvida, os contributos vários da filosofia, das ciências da linguagem, da semiótica ou da sociologia, bem como da própria interdisciplina que são os estudos de teatro, permitiram revisões radicais das metodologias de análise e clarificações oportunas da metalinguagem. Em 1987, por exemplo, Maria Helena Seródio situava a crítica "nessa precisa margem: entre a necessidade de rigor descritivo e a inevitável opção cultural e estética mais ou menos confessada" (Seródio 1992: 349). E, contudo, os desafios da cena mantêm-se: a multiplicação das experiências cénicas, a renovada afirmação da imanência do corpo, habitualmente associada ao questionamento do lugar do verbal, ou a exploração de estratégias compositivas menos logocêntricas e mais devedoras de uma certa espontaneidade, quando não aleatoriedade, tudo isto são factores que põem em causa processos e perspectivas que se pudessem ter pensado conquistadas.

Num momento em que se multiplicam os deslizamentos epistemológicos e os estudos de teatro se vêm produtivamente confrontados com os desafios conceptuais de novos domínios, como os estudos performativos, os estudos dos meios de comunicação e os estudos culturais, o investimento, necessariamente ágil e flexível, sobre o objecto de análise "espectáculo" impõe-se como uma tarefa renovadamente imperativa. Defender – como o fazia há alguns anos António Pinto Ribeiro – a

deslocação da crítica da Estética para a Teoria das Culturas apresenta a grande vantagem de afirmar como "sempre o resultado de uma actividade cultural" (1999: 31), mas também o imenso perigo do regresso a relativismos de sinistra memória. Aqui, como em muitos outros domínios, a solução mais adequada parece ser a de um maior hibridismo heurístico. Como sugeria Josette Féral, "o contributo crítico que não procure realizar uma construção analítica e teórica é um pálido espelho da realidade artística. E desse modo não cumprirá a sua função" (Féral 2000: 310). E uma crítica que se apresenta assim exigente e reflexiva é ainda uma crítica consciente do seu duplo papel de agente de intervenção sobre o presente e de instrumento ao serviço da memória.

Referências bibliográficas

- FÉRAL, Josette (2000), "The Artwork Judges Them": The Theatre Critic in a Changing Landscape", *New Theatre Quarterly*, 64, pp. 307-314.
- PORTO, Carlos (1973), *Em busca do teatro perdido*, 2 volumes, Lisboa, Plátano Editora.
- RIBEIRO, António Pinto (1999), "Que nos é legítimo esperar da crítica?", *Público*, 1 de Agosto, p. 31.
- SERÓDIO, Maria Helena (1992), "Aferição de um lugar crítico", in AA. VV. *Dramaturgia e Espectáculo: Actas do 1.º Congresso Luso-Espanhol de Teatro*, Coimbra, Livraria Minerva, pp. 347-351.